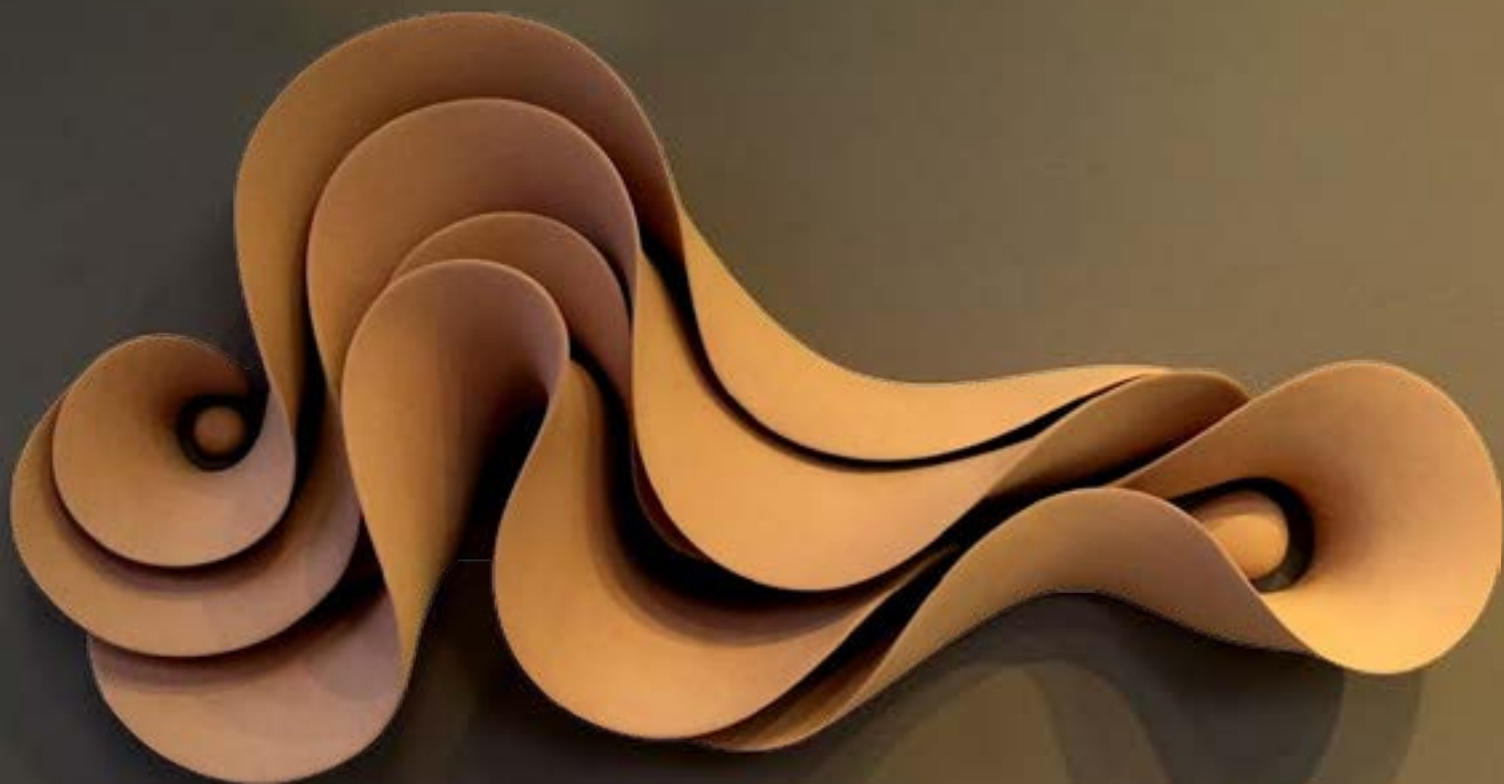


ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
I JORNADA DE CARTÉIS DA SEÇÃO NORDESTE

"TU PODES SABER"



Setembro 2022

I JORNADA DE CARTÉIS
“TU PODES SABER”

Comissão Organizadora:

Cláudia Formiga (EBP/AMP) - Coordenadora

Paulo Carvalho

Rosa Reis (EBP/AMP)

Rosemarie Mooneyhan

Vânia Ferreira

Coordenaram as mesas de trabalho:

Elizabete Siqueira (EBP/AMP)

Glacy Gorski (EBP/AMP)

Lídia Pessoa (EBP/AMP)

Maria Cristina Maia (EBP/AMP)

Rosa Reis (EBP/AMP)

Vânia Ferreira



**Escola Brasileira
de Psicanálise**
Seção Nordeste

Sumário

- 5 Apresentação
Cláudia Formiga (EBP/AMP) - Diretora de Cartéis e Intercâmbio
- 7 “Só posso ser ensinado à medida de meu saber”: questões sobre o ensino e a formação do analista
Adriana Pereira dos Santos
- 9 Afinal, o que quer um analista?
Antonio Júlio Garcia Freire
- 11 Penso, logo resisto: elaborações no cartel sobre a formação do analista
Lucas de Petribú G. R. Dias
- 14 Da devastação nas parcerias amorosas
Emilia de Rodat Peixoto
- 17 A rata no caminho
Alana Santos
- 20 O gozo, feminino
Ana Martha Wilson Maia
- 22 Entre sujeito e objeto, onde se põe a falta?
Ana Aparecida Rocha
- 25 Hans: Mitos e fantasias
Nádia Aslan
- 28 Amor: invenções, laços e desencontros.
Daniel Guedes
- 31 O trabalho que o amor dá
Clara Bezerra

- 33 Escritas e estragos de amor
Carolline Rangel
- 36 A falta da falta: depressão e narcisismo na contemporaneidade
Gabriel Liberato
- 39 Pontuações sobre a Metáfora e Metonímia de Freud a Lacan
José Ronaldo de Paulo
- 41 O despertar de um dia morto – Notas sobre o suicídio na adolescência
Ubiratan Pereira de Oliveira

Apresentação

Cláudia Formiga (EBP/AMP) - Diretora de Cartéis e Intercâmbio

Com o título **Tu Podes Saber**, realizou-se em 10 de setembro último, a **I Jornada de Cartéis da Seção Nordeste**. Na modalidade on-line e aberta, essa atividade - uma jornada só com produtos de cartel - aconteceu ao longo de todo um dia de trabalho, um sábado, das 9h às 17:30, e contou com a participação de um público que variou entre 100 e 120 pessoas.

Foram Vinte e dois trabalhos apresentados nas cinco mesas temáticas, todos eles, elaborações cartelizantes que, provocadas pelo desejo de saber, conseguiram ressaltar de uma forma viva a importância do cartel como dispositivo pulsante na EBP e evidenciar o verdadeiro trabalho “de Escola”, de que são testemunho os seus efeitos de formação.

Aqui estão 14 dos textos que compareceram e essa Jornada. Todos eles no formato em que foram apresentados, excluídos os relatos de casos clínicos ou os que, por motivos diversos, não puderam ser publicados.

Os três trabalhos que abrem esta publicação versam sobre a ética da Psicanálise e a formação do psicanalista. **Só posso ser ensinada na medida do meu saber**, da cartelizante Adriana dos Santos Pereira expõe de forma muito original indagações sobre o estatuto do saber e sintoma na formação do analista, considerando o tripé formado por análise pessoal, prática clínica e supervisão; Em **Afinal, o que quer um analista?** O cartelizante Antônio Júlio Freire discorre sobre a relação entre os dispositivos do cartel e do passe, no contexto da formação do analista. E em **Penso, logo resisto: elaborações no cartel sobre a formação do analista**, o cartelizante Lucas de Petribu aborda a formação do analista por um viés inusitado, o de um percurso sobre o tema da resistência.

Em seguida, temos três trabalhos que, de diferentes perspectivas, promovem uma rica discussão sobre o gozo Feminino e a lógica do não-todo. O primeiro deles, **A devastação nas parcerias amorosas**, que tem como autora a cartelizante Emília de Rodat Peixoto, problematiza a devastação como destino para o amor no feminino; **A rata no caminho**, de autoria da cartelizante Alana Santos, aborda a relação entre nomeação e o Feminino; E no seu trabalho **O gozo, feminino** a colega da Seção Rio, Ana Martha Wilson Maia (EBP/AMP) nos apresenta o caso de uma criança que, confrontada com a angústia causada pelo desejo materno, vai encontrar como saída não a fobia, encontrada por Hans, no célebre caso tratado por Freud, mas, como ressalta a autora, no tempo do Um-corpo, para além do desejo materno, relacionado ao Outro, está o gozo, feminino.

Entre sujeito e objeto, onde se põe a falta? é o trabalho da cartelizante Ana Aparecida Rocha, que faz uma importante reflexão sobre o estatuto do objeto enquanto falta, tendo como ponto de partida a sua leitura do Seminário 4. Já a cartelizante Nadia Aslan no texto **Hans: mitos e fantasias** aborda a diferença entre mito e fantasia no ensino de Lacan, também a partir de sua leitura do seminário 4.

Os três trabalhos seguintes abordam o tema do amor na psicanálise. No trabalho que intitulou **Amor: invenções, laços e desencontros** o cartelizante Daniel Guedes questiona o estatuto do amor em nossos dias, partindo de sua leitura da trilogia freudiana sobre a psicologia do amor; **O trabalho que o amor dá** é o título do trabalho da cartelizante Clara Bezerra, que aborda o amor a partir da ideia de invenção, como um trabalho, tessitura possível, frente a relação sexual que não existe; E Carolline Rangel, cartelizante e participante da Seção São Paulo, com o texto **Escritas e estragos de amor** explora o ponto de apoio do amor, sob a lógica lacaniana da inscrição.

Com o trabalho **A falta da falta: depressão e narcisismo na contemporaneidade** o cartelizante Gabriel Liberato parte de um questionamento sobre a subjetividade de nossa época para pensar as depressões na atualidade, articuladas ao narcisismo e à queda da autoridade paterna. Em **Pontuações sobre a metáfora e a metonímia: de Freud a Lacan**, do cartelizante José Ronaldo de Paulo, vamos encontrar o percurso de uma pesquisa muito interessante sobre esses dois conceitos na obra de Freud e Lacan. E vemos ainda, no texto **O despertar de um dia morto: Notas sobre o suicídio na adolescência** o cartelizante Ubiratan Pereira de Oliveira apresentar de forma muito instigante uma discussão sobre o suicídio na adolescência, na perspectiva da psicanálise, partindo de suas considerações sobre a peça *O despertar da primavera*, de Frank Wedekind, e do romance *Hoje está um dia morto*, de André de Leones.

Para além das ricas discussões que animaram a nossa Jornada, disponibilizar esses escritos em um espaço de consulta tem pra nós o intuito de fornecer um registro vivo desse trabalho. Recomendo fortemente a sua leitura, tanto pelo valor que, em si mesmos, possuem esses textos, quanto pelo que representa para a nossa Escola o movimento pulsante de exposição *a céu aberto* das questões de cada um.

A todos, uma boa leitura!

Dezembro, 2022.

“Só posso ser ensinado à medida de meu saber”: questões sobre o ensino e a formação do analista

Adriana Pereira dos Santos¹

*Das ilusões
Meu saco de ilusões, bem cheio tive-o.
Com ele ia subindo a ladeira da vida.
E, no entretanto, após cada ilusão perdida...
Que extraordinária sensação de alívio!*

Mario Quintana

Durante a produção deste ensaio, estive acompanhada da pergunta sobre como se dá o ensino da psicanálise. Derivada dela, pensava em como se formaria a pessoa que poderá nomear-se analista. No entanto, ao deparar-me com a afirmação de Lacan (1970) de que “(...) pode ser que o ensino seja feito para estabelecer uma barreira ao saber (...)”, fui tomada pela dúvida em relação a se haveria o que escrever como resultado daquele caminho.

Comecei o texto trazendo Quintana porque agora, ao final do trabalho, vi que muitas das questões formuladas quanto ao que haveria de desejo e de angústia no fazer-se analista foram esvaziadas, como se eu estivesse carregando um saco de ilusões sobre essa formação. Diante do esvaziamento, entendi que esse deveria ser meu ponto de partida.

Inúmeras vezes somos lembrados de que a formação em psicanálise se ancora no tripé análise pessoal, prática clínica e supervisão com estudo permanente. Parece mesmo inalcançável chegar a essa trindade perfeita. Como saber se está indo tudo como esperado, na análise pessoal e na prática clínica? Seria esse olhar de fora, vindo da supervisão, o que asseguraria esse bem-fazer? Ou seriam os efeitos da escuta clínica na vida daqueles que acompanhamos?

¹ Cartelizante no cartel “Formação e Desejo do analista”, formado por Adriana Pereira dos Santos, Lucas de Petribú Dias, Júlio Freire, Vitória Oliveira e Ana Eloá Cerqueira (Mais-Um).

Diante dessas questões, estava dado que não bastaria ler todos os textos de Freud e Lacan e, como num passe de mágica, a teoria fluiria para prática como um rio que não encontra obstáculos no caminho. Isso não significa não os ler, mas desse lugar da formação, por conta da minha atuação profissional como professora de uma graduação de psicologia, sou constantemente interpelada por estudantes sobre a aplicabilidade da teoria. Pergunta necessária, mas que indica também a complexidade da resposta.

Uma chave de entendimento veio junto com o acúmulo da minha escuta clínica. E não foi exatamente pelos processos exitosos. À medida em que a leitura e discussão do cartel se estruturavam, os atendimentos traziam novos e diversos encontros com o que foi tornando-se um esboço de resposta para minhas questões iniciais. Fui sendo pautada pelo dispositivo da transferência a cada sessão. Justo no ponto do qual Freud diz que ali se encontram as “[...] únicas dificuldades realmente sérias [...]” para o analista.

Seria o domínio sobre o conceito de transferência o resto do meu saco de ilusões? Ou, talvez, o elemento central a ser lapidado por aquela que, por sintoma, decide trabalhar com a Psicanálise? Nesse ponto, recorro a fala de Lacan quando afirma que a transferência está no começo da Psicanálise. Estaria ela também no começo da formação do analista?

Penso que meu percurso até aqui esteve atravessado (quem sabe) pelo sintoma de carregar a ilusão de um ensino formalizado que garantiria a materialização da figura de analista. Inclusive por perguntar-me tantas vezes durante o cartel: será mesmo que o mais um não faz função de mestre? O mais-um no cartel não teria papel de ensino? Penso agora que, de algum modo, estive ali sustentando o mais-um num lugar de sujeito suposto saber.

É evidente que se aprende nos encontros de cartel. Aspectos da teoria organizam-se de um modo novo quando se ouve o entendimento de outros ali presentes no estudo. E essa nova organização repercute na prática clínica. No entanto, a necessidade de produzir algo meu como consequência do trabalho de cartel reposiciona o que busco como garantia de ensino. Como afirmou Lacan: “Só posso ser ensinado à medida de meu saber [...]”

Nunca esqueci o que um colega de cartel lançou num dos encontros: por que alguém decide justo esse ofício? Essa pergunta ressoa em mim a cada final de um dia de atendimento. E ganhou consistência quando me encontrei diante da frase “o analista atua com seu sintoma”. Talvez esteja aqui uma das coisas que permanecem comigo no saco de ilusões sobre a formação de analista. Porém, diante das ilusões já deixadas no caminho, essa subida tem sido mais leve.

Agradecimentos a Lucas Petribú, Júlio Freire, Vitoria Oliveira e Ana Eloá Cerqueira.

Referências:

- FREUD, S. “Observações sobre o amor transferencial”. In: Obras incompletas de Sigmund Freud: Fundamentos da clínica. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- LACAN, J. “Alocação sobre o ensino”. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- LACAN, J. “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

Afinal, o que quer um analista?

Antonio Júlio Garcia Freire¹

O presente trabalho é fruto do esforço de quase 2 anos realizado no Cartel “DESEJO E FORMAÇÃO DO ANALISTA” que iniciou na Seção Nordeste com Ana Eloá Cerqueira (Mais-Um), Adriana Pereira dos Santos, Lucas de Petribú Raposo Dias, Vitória Fernanda Oliveira Fernandes e Antonio Júlio e eu mesmo, sendo a minha questão sobre “Final de análise e formação do analista”.

A psicanálise como tratamento dispensado ao sofrimento e ao sintoma é uma experiência singular em que quem administra o tratamento também foi - ou está - ele próprio submetido à uma análise. Seria como se alguém para se tornar cirurgião tivesse ele mesmo se submetido à uma cirurgia. Miller (2008) já apontou a relação entre a formação de um analista e o fim de uma análise, entre as coisas que pode-se esperar: a verificação do passe e a outorga do título de Analista da Escola (AE). Contudo, essa verificação do fim de uma análise é realizada por um cartel, um instrumento privilegiado por Lacan (1964) na fundação de sua escola.

Minha questão que mobilizou a participação no Cartel foi marcada pelo momento pessoal, recém graduado do curso de psicologia e começando o trabalho na clínica, já havia a identificação com a psicanálise como abordagem e método para se ler os fenômenos clínicos, como muitos, se escolhe praticar a psicanálise antes do fim da própria análise, muito antes desse advir como AE, como isso é possível? Aparece aqui uma escolha um pouco diferente das outras, que se assemelha com a escolha forçada de Miller (2016), é através do incentivo de psicanalistas da Seção Nordeste que juntos à outros colegas, também iniciantes, que fundamos o cartel.

Em meio a atos falhos, a expectativa que esse trabalho fosse como um grupo de estudos é quebrada com a chegada da Mais-Um, que em um giro faz, ao mesmo tempo, encontrarmos a questão sob a qual nos abrigamos e nos apresentamos à Escola, como também nos faz verificar o que há de individual, de particular de cada cartelizante, que funda a sua própria questão.

Como traz Alberti (1994) processo de desidentificação que o cartel - como formato de trabalho proposto por Lacan - promove é um dos efeitos mais curiosos, porque ao mesmo tempo em que se realiza o trabalho em grupo não se cai - ou si espera furar esses efeitos quando surgirem - nos efeitos de massa descritos por

¹ Cartelizante no cartel “Formação e Desejo do analista”, formado por Adriana Pereira dos Santos, Lucas de Petribú Dias, Júlio Freire, Vitória Oliveira e Ana Eloá Cerqueira (Mais-Um).

Freud (1921), é simultaneamente uma forma do trabalho em grupo acontecer, mas sem perder o que há de individual de cada um.

E também é essa ambiguidade que encontramos nos relatos de passe que foram lidos no itinerário do Cartel, os passantes relatam questões que algumas vezes ressoaram em mim, me fizeram pensar que não estava tão sozinho, ou que não sou o único que passava por aquilo em análise, mas também apontaram para algo extremamente singular, para uma invenção tão particular que nunca poderia ter sido a minha, porque encadeiam os significantes dessas outras histórias e existências.

Essa questão “Final de análise e formação do analista” motivada pela angústia do começo do trabalho clínico não foi respondida completamente pelo cartel, mas a própria experiência desse trabalho transmitiu que o tratamento analítico por visar o que não se transmite, pode encontrar algo de muito particular e individual - e de novo, um aparente paradoxo, pois uma experiência que se propõem à isso não acontece de maneira encerrada em si mesma, em um processo de auto-análise, mas entre o par analista e analisante, como traz Miller (2016, p. 3): “A experiência analítica é uma experiência coletiva de dois;”. Isso é possível porque o analista não está lá como sujeito, como pessoa, mas como função - Assim, como o Cartel, a aposta de Lacan não é nas pessoas, mas no funcionamento do dispositivo. O que se pode esperar do final de uma análise, às vezes, são coisas simples, como bem definiu Freud, às vezes apenas a capacidade de amar e trabalhar.

Referências:

- ALBERTI, S. “O Cartel e o Real de uma Dissolução”. In: O cartel: conceito e funcionamento na Escola de Lacan. Rio de Janeiro: Campus, 1994.
- FREUD, S. (2011). “Psicologia das massas e análise do eu.” In: Obras completas, v. 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- LACAN, J. “Ata de fundação da Escola Freudiana de Paris”. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- MILLER, J-A. “Le débroussaillage de la formation analytique”. In: La Cause Freudienne, vol. 68, n. 1, 2008.
- MILLER, J-A. “A teoria de Turim sobre o sujeito da Escola”. In: Opção Lacaniana online, n. 21, novembro 2016.

Penso, logo resisto: elaborações no cartel sobre a formação do analista

Lucas de Petribú G. R. Dias¹

*[...] Para saber o que é a resistência, é preciso saber o que encobre o advento da fala [...]*¹

Neste escrito falarei brevemente da minha primeira experiência de cartel nesse dispositivo de trabalho inventado por Jacques Lacan no ato de fundação da sua escola.

Antes de procurar os colegas para compor o pequeno grupo, estive às voltas com as implicações que o trabalho na clínica convoca. A partir do encadeamento de dificuldades na escuta em consultório questioneei minha própria prática: eu estava resistindo, desejando, me angustiando ou o quê?

Foi então que para além da supervisão, com objetivo de dar conta da escuta clínica, fui tomado por um querer saber mais sobre isso. Alguma coisa precisava ser feita com esse desejo de pesquisa. A partir daí conversando com parceiros também envolvidos nesse tema, imaginamos formar um grupo de estudos com o mote da angústia. Inicialmente cada participante gerou uma questão envolvendo a prática clínica à sua maneira. Nesse prelúdio estive às voltas com a interlocução entre os conceitos de *Resistência* e *Angústia*.

Sendo um grupo de quatro participantes, em poucos encontros resolvemos formar um Cartel.

Lacan no *Ato de Fundação*, a respeito das contribuições exigidas para todo aquele engajado na causa analítica, diz o seguinte:

Isso é da alçada tão-somente daqueles que, psicanalistas ou não, interessam-se pela psicanálise em ato.

*É para eles que se abre a Escola, para que eles ponham à prova seu interesse, não lhes sendo proibido elaborar sua lógica.*²

Fundamentados nessa abertura ao trabalho Júlio, Adriana, Vitória e eu convidamos Ana Eloá como Mais-Um. Antes de submeter o cartel na Seção Nordeste da EBP aprofundamos a discussão e escolhemos o novo tema *Desejo e Formação do Analista*, ou seja sob o fundo da angústia outro desejo estava pulsante e não

¹ Cartelizante no cartel “Formação e Desejo do analista”, formado por Adriana Pereira dos Santos, Ana Eloá Cerqueira (Mais-Um), Lucas de Petribú Dias, Julio Freire e Vitória Oliveira.

nos dávamos conta. No momento de elaborar minha questão sustentei o conceito de *resistência*. E é sobre a resistência na formação do analista que continuarei escrevendo agora.

Imbuído pela observação de Freud em *A Dinâmica da Transferência* de que a *resistência* acompanha todo o tratamento analítico a cada passo, pensamento e ato³, passei um bom tempo dos estudos do Cartel me perguntando: é possível passar por uma formação sem resistir? Sobre o que se resiste na formação do analista?

Lacan ao fundar sua Escola pôs à prova a formação do analista através do ideal de identificação ao analista didata. Dessa forma não há mais uma garantia de formação em psicanálise, não sendo presumível um caminho a ser seguido. Aquela orientação padrão de como se tornar analista foi perdida com Lacan.

O que garante estar “em formação”? É produzindo afirmou Lacan. É quando aqueles interessados na causa analítica assumem a responsabilidade (ou questão) em um cartel, elaborando os resultados desse encontro e declarando essa produção na Escola. É no momento da produção que uma experiência única é forçada pelas circunstâncias.

Como diria Eric Laurent no texto *Política do Passe e Identificação Dessegregativa* a respeito da formação do analista: “Uma vez estabelecida a exigência ‘experimental’ de ir até o fim de uma experiência de linguagem inédita, Lacan propõe examinar o que é efetivamente transformado naquele que a empreende”⁴. Acredito que também assim funciona o produto do cartel, tanto quanto o passe, duas atividades fundamentais na formação do analista. São percursos propostos por Lacan que ao contrário de uma identificação ao semelhante requisita uma ação do sujeito com alguma coisa nova.

Daí surgir a resistência em encarar uma formação sinônimo de novidade, de invenção, de testemunho. É a partir de uma produção inédita, uma formação do inconsciente, que se dá a experiência singular com a psicanálise. É graças a essa novidade que Freud no texto *As Resistências à Psicanálise* pôde afirmar que “em geral eram certos elementos do conteúdo do novo que despertavam a resistência”⁵. É esse encontro com o inconsciente, essa colisão com um limite do ser falante que impõe: daqui para frente use suas próprias palavras! É então o que pode causar o mal-estar ao qual se resiste à psicanálise. Uma resistência ao encontro com o inconsciente.

Assim Lacan propõe: “A nos atermos ao mal-estar da psicanálise, a Escola pretende oferecer seu campo não somente a um trabalho de crítica, mas à abertura do fundamento da experiência, ao questionamento do estilo de vida em que ela desemboca”⁶. E essa acolhida foi o que me fez pensar que num cartel há uma diluição das resistências. Nos encontros do cartel me permiti experimentar a regra fundamental, e com isso produzir formações do inconsciente durante a fala. Ao longo desses dois anos cometi ações falhas, esqueci de alguns encontros, narrei sonhos, contei chistes, etc. Dessa forma sua proposta de Escola oferece não só uma abertura do fundamento como também uma abertura do inconsciente a partir da experiência inaudita de cada um.

Quando Lacan pronunciou “eu jamais falei em formação analítica, falei em formações do inconsciente”⁷, supõem-se que seja essa sua intenção. Um cartel permite uma experiência com a psicanálise, assim como uma supervisão e uma análise pessoal, são formas de estar atento à abertura do inconsciente, aberto ao saber que não se sabe, ao saber que não se pensa saber.

Numa torção do cogito cartesiano poderia dizer *penso, logo resisto*, acreditando que o pensamento consciente sobre a formação analítica sugere a resistência.

Referências::

- LACAN, J. “Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956”. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.463-464.
- LACAN, J. “Ato de fundação”. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 246
- FREUD, S. “A dinâmica da transferência”. In: Obras completas, vol.10 . São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p.139.
- LAURENT, E. “Política do Passe e a Identificação Dessegregativa”. In: Opção Lacaniana, n. 82, Abril 2020. p.52
- FREUD, S. “As resistências à psicanálise”. In: Obras Completas, vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p.254
- LACAN, J. “Ato de fundação”. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 244
- No original: “je n’ai jamais parlé de formation analytique. J’ai parlé de formations de l’inconscient.”. LACAN, J. In: Congres de l’Ecole Freudienne de Paris, n. 1, 4 de novembro de 1973. p.191

Da devastação nas parcerias amorosas

Emília de Rodat Peixoto¹

“Qualquer maneira de amor vale a pena.

Qualquer maneira de amor vale amar.” (Milton Nascimento)

Será? E quando o amor devasta o sujeito, como no caso de mulheres que permanecem em relações violentas, ao longo de suas parcerias amorosas, a despeito do sofrimento que relatam? Ou, quando diante da ruptura do relacionamento, os filhos são envolvidos, na condição de objetos de disputa junto aos ex-companheiros? Na escuta, seja em contexto jurídico, por demanda do Juizado de violência doméstica contra a mulher ou das Varas de família, ou na clínica, tem sido comuns, casos em que mulheres ao falarem de suas relações amorosas, revelam sinais de devastação: efeitos do amor sem limites.

Na psicanálise, o que isto pode dizer das mulheres? O que se quer com esse amor desmedido? Por sua vez, frente a isto, o que esperar do dispositivo da análise, fundamentado no amor de transferência, no amor ao saber? Eis aqui algumas questões dentre tantas outras, que o cartel sobre o feminino tem me convocado ao trabalho, numa tentativa pessoal de dar borda ao enigma que o comporta, a partir da clínica da devastação.

Para este momento, a pretensão é pontuar sobre a devastação, na articulação entre a mulher e o amor, a partir da leitura de autores contemporâneos da psicanálise lacaniana. É da ordem de uma pretensão, considerando a afirmativa de Lacan no seminário XX, “[...]nada se pode dizer do amor [...] nada se pode dizer da mulher”, citada por Sônia Vicente em seu texto *O desencanto do amor* (2012, p.276)

Amor e devastação guardam uma estreita relação que, segundo Miller, (2015,2016) ao responderem a mesma lógica de funcionamento, a lógica do não todo, no sentido do sem limite. Neste texto, Miller define a devastação como outra face do amor: trata-se de um gozo que o substitui enquanto resposta, sendo um fenômeno que não conhece limites. O incondicional da demanda de amor em seu caráter potencialmente infinito retorna ao sujeito feminino, precisamente sobre a forma de devastação, associando o modo erotomaniaco de amar do lado da mulher, nas fórmulas de sexuação propostas por Lacan.

¹ Cartelizante no cartel “O Feminino”, formado por Cecília Galvão, Cláudia Formiga (Mais-Um), Emília de Rodat Peixoto, Keila Kaionara Medeiros de Oliveira e Rosinelly Queiroz de Miranda.

É a partir dessas fórmulas, desenvolvidas em seu Seminário 20 - Mais ainda, que Lacan articula sua teoria de gozo com a hipótese freudiana de que no inconsciente só há a inscrição de um sexo, o masculino, avançando na abordagem da sexualidade feminina, ao descrever sobre o gozo feminino no registro do não todo fálico, não sendo todo simbolizável, por não ter limites, radicalmente Outro em sua diferença com o gozo masculino, como bem descreve Suarez (2012).

É, pois, a experiência do gozo feminino em sua face sem limite, o gozo Outro, do qual nada se sabe, que pode levar o sujeito à devastação, no sentido forte de aniquilação. Miller diz que a devastação é ser devastado. Uma depredação que se estende a tudo, uma dor que não para. O sentimento de falta de identidade, de incompletude radical, momentos de ausência de si mesmo, de fragmentação ou perda do controle corporal se manifestam com intensidade (2012, 2015).

Como bem assinalam Fuentes (2012) e Machado (2012), o gozo feminino não é exclusivo das mulheres, como não é dos homens o gozo fálico, não havendo correspondência aqui entre os modos de gozo com a diferença anatômica, tampouco restando aqui definido dois gêneros, pois a mulher não-toda inscrita na função fálica permanece como uma categoria inconsistente. Trata-se de duas posições subjetivas, do modo como cada sujeito se inscreve na função fálica, em consonância ou fora do domínio da linguagem, em relação ao Outro sexo, para suprir a inexistência da relação sexual.

Entretanto, Fuentes também afirma, no texto citado, que embora os homens possam experimentar o dito gozo feminino, as mulheres ao se encontrarem mais próximas do real, sendo nelas de origem a castração, entregam-se mais facilmente ao gozo, que pode ser o da privação que visa à Outra coisa, um absoluto que estaria mais além dos semblantes.

A angústia nas mulheres, inclusive, pode ser ainda mais intensa porque está mais exposta ao desejo do Outro, sem poder oferecer o objeto fálico para mediá-lo, diferentemente do homem que detém o pênis no encontro sexual. Isto porque na relação amorosa, para aceder ao falo, a mulher deve passar pela via do desejo do homem, chegando ao lugar de objeto causa do desejo, não se sabendo até onde se vai nessa entrega, com o risco de decair desse desejo como um objeto dele abandonado, dado que não há limites para as concessões que uma mulher pode fazer por um homem, seja do seu corpo, de sua alma ou de seus bens, como assinala Lacan (1973). Cada uma é capaz de ir em direção ao não ter e nele se realizar como mulher.

Decerto que o amor, enquanto suplência para a inexistência da relação sexual, está para todos, permitindo fazer laços, ao mesmo tempo que atesta a impossibilidade de relação de complementariedade entre os dois sexos, em sua aspiração de fazer “Um com o Outro”. Todavia, a demanda amorosa, na sexualidade feminina, tem um papel singular e complexo quando comparado ao lado masculino, como destacam Miller, 2015; Vicente, 2012; e Bessa, 2012.

Por outro lado, segundo Éric Laurent (2012), o gozo feminino nem sempre é mortífero e pode ser compatível com o prazer e com a vida, sendo imprescindível para isto que se considere a originalidade da condição feminina, o não toda que diz respeito a divisão do gozo na mulher, requerendo um saber fazer com os semblantes fálicos, assim como com o vazio da castração, sem querer tamponá-lo. Seria isto que podemos esperar da demanda de amor das mulheres endereçadas ao analista? Besset e Dupim (2011) afirmam que, na

análise, cada mulher pode se responsabilizar pelo seu gozo e, em algumas situações, adotar outra posição na escolha do objeto em suas futuras parcerias amorosas.

Referências:

- BESSA, G.L.P. (2012) Feminino um conjunto aberto ao infinito. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.
- BESSET, V. L.; DUPIM, G. “Devastação: um nome para dor de amor”. In Opção Lacaniana online, n.6, novembro 2011.
- FUENTES, M.J.S. As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.
- LACAN, J. “Televisão”. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003.
- LAURENT, E. A psicanálise e a escolha das mulheres. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.
- MACHADO, O. M. R “O não todo em cada um e na cultura atual”. In: CALDAS, H.; MURTA, Alberto.e MURTA, Claudia. (orgs). O feminino que acontece no corpo. A prática da psicanálise nos confins do simbólico. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.
- MILLER, J-A. O osso de uma análise + O inconsciente e o corpo falante. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- MILLER, J.A. “Mulheres e semblantes”. In: CALDAS, H.; MURTA, Alberto.e MURTA, Claudia (orgs). O feminino que acontece no corpo. A prática da psicanálise nos confins do simbólico. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.
- MILLER, J-A. “Uma partilha sexual”. Opção lacaniana online, n. 20, julho 2016.
- SUAREZ, E. S. “Lacan e as mulheres”. In: CALDAS, H.; MURTA, Alberto.e MURTA, Claudia. (orgs). O feminino que acontece no corpo. A prática da psicanálise nos confins do simbólico. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.
- VICENTE, S. “O desencanto do amor”. In: CALDAS, H.; MURTA, Alberto.e MURTA, Claudia. (orgs). O feminino que acontece no corpo. A prática da psicanálise nos confins do simbólico. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.

A rata no caminho

Alana Santos¹

O corpo não é limitado; a linguagem é. E linguagem aqui são as palavras e seus efeitos, em demais teorizações (que não seriam teorizações demais), porque esta que segura o instrumento que mancha o papel simplesmente não as tem, as teorizações.

Ainda que sem mais teorizações posso avançar um tanto e perceber como a linguagem consegue nomear, com ela mesma, o próprio limite. *Limite*. Há também contorno, fronteira e litoral. Ou aquilo que não se consegue, que não foi suficiente, o limite que o fiasco, o lapso, a *rata* dizem. Rata como brasileiro que me era desconhecido até pouco tempo atrás, quando vi a nota de rodapé sobre a tradução de *ratage*, no Seminário 11, de Lacan.

E aqui se confundiram limite e fiasco. O texto começou errado (Começou? E o texto, ele começou?). Se o limite foi colocado tal qual o fiasco, o termo secundário *ilimitado* o que seria? Qual o contrário de fiasco? De toda forma, pode-se extrair que o ilimitado é o não fiasco. A rata já corroe o próprio início do texto. Texto, de tecido.

Eu tinha puxado a linha e me preparado para costurar sobre a origem. A origem, como tema, ainda não apareceu (tal qual o conceito de feminino nos desfazer de um cartel sobre o feminino – assim mesmo, como remendo de outra estampa sobre esse pano, remendo jogado e colado grosseiramente, fora de ordem e sem estética). A origem não apareceu na origem, e ainda assim há origem, ali, onde está “O corpo não é limitado” (aspas prescindíveis).

Mas, então, o corpo não é limitado, mas é limite. Por não ser limitado, permite a linguagem. Dito de forma correta: o corpo é a origem, é o que a linguagem fez dele que não é.

↓
é daqui que se teoriza. Teoriza-se a ponto de se repudiá-lo. Fala-se dele para não se senti-lo, para não se vivê-lo, para dele se libertar. Mas sempre através dele, nunca sem ele.

Só se fala através dele, literalmente – escrita, voz, artes – e literariamente. O

corpo é nome com mancha em papel e som. Mas aquilo a que o nome se refere só é. E é só. Ou nem é. Nem é! Se por é presumir-se a mínima constância.

¹ Cartelizante no cartel “O Feminino”, formado por Alana Santos, Aldenice Silva, Maria Gorete Sarmento e Pauleska Nóbrega (Mais-Um).

COR_{POR}TOR_{POR}POR^{COR}COR_{TOR}_{NAR}

C O R T A R

Corrijamos: aquilo a que o nome *corpo* se refere não é limitado; a linguagem é. É ilimitável, aquilo. Chamarei de corpo, para simplificar esse aquilo.

Continuemos. Tudo começou bem, quando estávamos apenas nomeando, batizando o que *cortamos, dando contorno* (pois o contorno não há), chamando para nossa religião, a da linguagem, o que temos por corpo, este que nem pagão pode ser, porque é anterior à linguagem e à religião (a tudo?). Ora, o corpo nunca poderá ser submerso nas águas da linguagem. Só o que pensamos dele pode, em parte e em partes. A anatomia é literatura.

De fato, a anatomia é o destino. O corpo não. A anatomia é derivado. O corpo é origem. E é o meio.

— Foi da anatomia que vieram o homem e a mulher?

— Quando que macho e fêmea viraram homem e mulher? — E o que fizemos com isso?

— Demos a maior rata.

— Demos a quem?

Da anatomia do corpo, veio a anatomia da linguagem. Expressei-me mal. Seria a anatomia que é feita pela linguagem, a literatura da anatomia. Ambiguidade perigosa que leva facilmente ao que é uma análise.

Na literatura da anatomia há um corpo que ganhou bainha e outro que ganhou uma espada. O nome vagina vem do latim e significa *bainha*. Quais as consequências disso para os personagens dessa história? Quais as implicações de ser o que está com a bainha e de ser o que está com a espada? Foi daqui que teriam surgido o homem e a mulher? A literatura é espelho de seu tempo, e só em reflexos vemos um corpo inteiro.

Contudo, parece que o nome se separou daquilo a que se refere e passou a correr solto. Nós? Nós fomos nesse embalo, numa carreira que nos levou da invenção do pênis à invenção do falo e ao feminino que não é mulher nem fêmea. Saímos daquilo a que o corpo se refere e saímos até do termo corpo. Para quem aprendeu a falar e escrever *corpo* quando já aí havia o feminino assiste a um grande número de saltos teóricos, impossíveis de acompanhar.

No buraco havia uma rata

Este texto é resultado de trabalho de um primeiro cartel. Seu título seria: O feminino no percurso. Mas a rata cruzou o caminho. Aqui o texto começa.

O buraco era um cartel sobre o feminino. A rata era a questão de saber por que se nomeava de feminino e o que estava sob esse nome.

Foi a maior rata!

Não consegui(a) entender ou conceituar, apenas passar pelo nome e ficar com a sensação de que já tinha visto antes, mas não sabia aonde. Escritas sobre o feminino não conceituam o feminino.

Num mar de conceitos avançados e alinhavados, voltei-me para a questão das origens: Por que chamar de feminino? Saindo do buraco, respondi-me com o *corpo*. Ou seja, o feminino começou com o corpo, com sua anatomia e com suas consequências.

Parece-me, falando assim de algo que passou, em movimento (a fala ou o que passou se move?), que o corpo feminino, falado na literatura psicanalítica da anatomia, faz a imagem do que a linguagem encobre. Dito de outra maneira, o corpo feminino é a imagem da falha (naquela literatura).

Mas aquilo a que o nome *corpo* alude, seja com bainha, seja com espada, não é castrado. Aí outro termo corporal (e sexual), castração. Terminamos esquecendo a literariedade. O corpo falado espelharia o social. Aprendi, de tudo, que a teorização começou com o corpo. E por que isso? Porque aquilo a que *corpo* se refere é a origem e é o que nos resta.

Referências:

1. BARROS, R. "Da Diferença Sexual à diferença feminina". In: Opção Lacaniana online, nº 9, novembro 2012.
2. Brasileirismo rata como fiasco, deslize, lapso. Em algumas regiões do Brasil se diz "Dei a maior rata", algo semelhante a "Pagar mico".
3. LACAN, J. O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p.142
4. O que sai do corpo ainda é corpo? Quanto se pode tirar de um corpo e ele ainda ser corpo?
5. Do grego. Ana significando neste caso "em partes" e Tome, "corte".
6. FREUD, S. "O declínio do complexo de Édipo". In: Neurose, psicose e perversão - Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

O gozo, feminino

Ana Martha Wilson Maia¹

Quando Mateus começou a vir às sessões, ele se dirigia a mim, cruzava o olhar com o meu e falava palavras incompreensíveis. Inventava brincadeiras com um objeto, fazendo pequenas variações e deslocamentos no tempo e no espaço. Hoje, além deste objeto, usa papel e lápis para desenhar e começa a escrever algumas palavras. Ele avança em seu tempo, mas percebo que algo insiste: o uso “violento” do objeto.

Numa sessão, o efeito do “violento” atinge um boneco, sua cabeça se solta e, numa mistura de riso e perplexidade, ele exclama: “A cabeça dele!”. Depois fica parado e observa o corpo sem a cabeça numa de suas mãos e a cabeça sem o corpo, na outra. Interrompo aí a sessão.

Mateus vai ficando incomodado, no decorrer das sessões, a cada vez que olha o boneco com a cabeça separada do corpo e me pede: “conserta ele?”

Na sessão seguinte, encontra o boneco costurado e a brincadeira gira em torno de cair do telhado, da chaminé, do divã ... e morrer. A mãe é a primeira que morre. “A minha mãe de verdade, não”, explica. Em seguida, fala fazendo cara de medo: “tem um jogo assustador que meu pai não me deixa jogar!”.

Ele se refere a um videogame cujo cenário é uma fábrica de brinquedos em que pessoas somem. Tenho escutado das crianças que atendo e em supervisões sobre o personagem *Huggy Wuggy*: um bicho de pelúcia azul, sedento de sangue, que tem uma boca grande, com dentes longos e pontiagudos.

Mas o que Mateus chama de “assustador” é *Mommy Long Legs*: rosa, ela tem também uma boca grande, um sorriso encantador e se transforma quando decide caçar e matar o jogador. É muito difícil escapar de seus longos braços e pernas elásticos.

Mommy Long Legs se dirige para o jogador assim: *Era tão triste ver as crianças partirem... Eles me chamavam de “mamãe” porque eu era a coisa mais próxima que já tiveram de uma. Mas eles vinham para os jogos e nunca mais voltavam! Eles deixavam a mamãe morrer sozinha. Mamãe não merecia isso! Mas, você... você trabalhou aqui... Então, se alguém merece morrer sozinho, é você!*

1 Membro EBP/AMP, participante do cartel “A relação de objeto Seminário 4”, formado por Ana Aparecida Rocha (Mais-Um), Ana Martha Wilson Maia, Lucas de Petribú e Nadia Aslan.

Por que foi preciso criar uma personagem de olhos verdes, alegre, feminina, se o terrível *Huggy Wuggy* também devorava o jogador?

Na abordagem de Lacan sobre a fobia do pequeno Hans, está a insatisfação materna: “ela procura o que devorar, *quaerens quem devoret*. O que a própria criança encontrou outrora para anular sua insaciedade simbólica, vai reencontrar possivelmente diante de si como uma boca escancarada.” (p.199)

A fantasia de ser devorado está na origem, como vemos no caso de Hans em seus sonhos, desenhos e em “seu progresso na ordem do significante” (p.289), como a invenção do *lumpf*, com o qual nomeia o gozo que experimenta no corpo.

Lacan diferencia a mulher da mãe. No Seminário sobre as psicoses, com a metáfora paterna, destaca que o desejo materno é um enigma para a criança. No Seminário 4, sublinha que a insatisfação da mulher pode encontrar na criança uma solução. Para Hans, os cavalos mordem, a mãe morde.

Nas palavras de Miller, em *A lógica na direção da cura*, Lacan coloca “a questão de como a criança descobre que não é suficiente para o buraco da mãe – como se toda a clínica de um sujeito pudesse depender da maneira como descobre que não é suficiente para preencher o buraco materno.” (p.68)

Hans duplica a função materna na mãe e na avó porque “apesar de todo o amor do pai [...], não existe pai real” (p.216). Para Mateus, há também a angústia diante do desejo materno, mas diferente de Hans, ele não faz uma fobia.

Entre tantas coisas que Lacan nos ensina neste belíssimo Seminário sobre a psicanálise com crianças e a sexualidade feminina, está o que ele chamou nos anos 50 de “a parte feminina” e nos 70 “o gozo feminino”. No tempo do Um-corpo, para além do desejo materno que está relacionado ao Outro, está o gozo feminino, o gozo não-edipiano. O gozo, feminino.

Referências:

LACAN, J. O Seminário, livro 4: a relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

MILLER, J-A. A lógica na direção da cura. Belo Horizonte: Seção Minas 1995.

Entre sujeito e objeto, onde se põe a falta?

Ana Aparecida Rocha¹

“Por que o véu é mais precioso para o homem que a realidade?”

(Lacan, 1955, p. 160)

A psicanálise surge do encontro entre o desejo de Freud e as históricas. Neste caminhar ele esbarra no traumático que a sexualidade constitui para cada um e, do choque que se dá entre corpo e linguagem a questão do objeto, de modo singular, se faz presente enlaçando amor, angústia, e, é claro a falta, dentre outros aspectos.

Ler e discutir o seminário 4, *A Relação de Objeto*, na modalidade de um cartel, me causou a oportunidade de retomar a questão: Qual o estatuto do objeto quando a relação que se tem com ele é da ordem de uma falta?

A relação de objeto, ou melhor a relação da falta de objeto, é o que guiará Lacan no âmbito do seminário 4, nos anos de 1956/57. Estava ele, nesta ocasião, às voltas em tentar recuperar o que, de fato, consistiria na verdade do pensamento freudiano. Para Freud o desejo, além de perverso, teria, assim como o objeto, seus paradoxos. Em Lacan o desejo carregaria a marca de uma falta, um não reencontro que acompanhará todo o percurso do sujeito às voltas a tentar dizer o que o atravessa na relação com o Outro, seu desejo, seu corpo e os objetos.

Lacan se dedica a distinguir as três operações em torno da relação de falta de objeto. Seriam a privação, a frustração e a castração. Respectivamente definidas como um furo, um dano imaginário e uma dívida simbólica. São três formas de nomear a falta que circula, que enlaça o sujeito em seu processo de constituição e que constata assim a falta do objeto e não o objeto.

Introduzindo a questão “objeto é ou não real?” (LACAN, 1995, p. 29), ele desliza sobre esse aspecto nomeando o objeto-fetice, o objeto fóbico e, é claro o falo. Estes, presentes na dinâmica da relação do sujeito com a angústia e a castração, respectivamente afeto e experiência que interrogam ao sujeito o que o Outro quer dele. Aqui destacamos os casos da clínica freudiana retomados neste seminário de modo a ilustrar a relação de

1 Cartelizante no cartel “A relação de objeto Seminário 4”, formado por Ana Aparecida Rocha (Mais-Um), Ana Martha Wilson Maia, Lucas de Petribú e Nadia Aslan

cada um com o desejo do Outro, com a posição de objeto, com a sua resposta frente a castração. Falamos de Dora, A Jovem Homossexual e O Pequeno Hans.

Lacan (1995) será enfático em afirmar que a noção da falta de objeto tanto é um ponto essencial no percurso de uma análise como a mola da relação do sujeito com o mundo.

Indagamos: por que a falta e não a presença do objeto? A noção de castração será lembrada por Lacan como aquilo que, desde o início, estaria no centro da elaboração freudiana. Paradoxal e ainda pouco tratada por aqueles que se seguiram a Freud, a castração faz parte de uma crise decisiva que se passa na encruzilhada edípica e da diferença que se põe para homens e mulheres frente à relação de seu desejo e o objeto em torno deste.

A relação de amor parece ser preciosa para pensarmos o lugar do objeto onde a falta é a mola da combinação presença/ausência. Falando a respeito do fetichismo Lacan nos indica que, ao tratar da função do véu, introduz um paradoxo: “o que é amado no objeto é aquilo que falta a ele – só se dá o que não se tem” (Ibi- dem, p.153). Apresentando a questão do véu, da cortina como aquilo que se interpõe entre o sujeito e o objeto, toca-se em uma ilusão, uma ideia de que há algo mais além. Esta, por sua vez, captura o sujeito em torno desse vazio encoberto atendo-se este, em seu movimento à fantasia que parece fazer ter algo lá onde o objeto poderia estar. Na verdade, vela-se a falta do objeto e não a este.

É como se fosse de estrutura que, para amar, é preciso se iludir. Recorremos ao véu de Maia, para nesse espaço entre a falta e o que se faz com ela, criarmos uma fantasia, um mito, um véu fundamental para cada sujeito uma vez que somos tecidos pelo desejo. Porém, não escaparemos ao desencontro, ao desengano. Afirma Lacan: “O objeto pode então assumir o lugar de falta, e ser também, como tal, o suporte do amor, mas na medida em que ele não seja, justamente o ponto onde se agarra o desejo. ...o que agarra o objeto permanece ilusório.” (Ibi- dem, p.158). O que, nesse âmbito, Lacan diz sobre o objeto? Ele visa retirar a psicanálise daquela ideia que os analistas klenianos acreditavam: haveria um encontro, um percurso realizado que levaria ao analista atingir um bom desenvolvimento e, por consequência, encontrar o objeto para modelo e identificação a ser seguido.

Ao pensarmos a relação do sujeito com o objeto e a constituição subjetiva o que constatamos? Antevemos o que Lacan aí sustenta e, se mantém até hoje. No campo do desejo, da relação do sujeito com o mundo, o objeto é da ordem de um engodo, de uma extração que a garantia de encontro, não se tem. Busca-se a ele se enlaçar e apegar-se como se neste movimento, algo se é, se tem, se define. Mas, não se encontra tal qual. Este caminhar envolve vários passos que dizem do enlaçamento do sujeito com o seu gozo, com a sua falta. Podemos dizer que daí advêm os pontos de partida, de virada e de final de uma análise.

O que extraímos disso nos dias de hoje onde se parece crer encontrar o objeto? O que cabe ao analista na atualidade lidar com a direção do tratamento daqueles que buscam curar seu mal estar pautados em um empuxo a gozar? Estamos em um tempo onde o sujeito apresenta-se como tendo um certo triunfo sobre a ideia da castração. Mas, atravessando o tempo, o sujeito sempre se confrontará com a questão, “O que que queres?” Entre o júbilo e a queda, entre a falta e a potência, uma invenção, uma saída se precisam fazer. Lembremos que o seminário tem em sua capa Cronos devorando seu filho e, se encerra com as construções míticas e invenções

de Hans diante da angústia que o acomete na relação com a mãe, pois frente a fragilidade do pai em salvá-lo da bocarra do crocodilo, deixa-o à mercê de uma mulher insaciável.

Pensamos que a relação que o sujeito mantém frente ao seu desejo é da ordem de uma falta, mas, o estatuto do objeto é posto numa posição tal que provoca angústia e o põe a trabalhar. Hans, criança ativa e imersa na ordem simbólica parece nos dá algumas pistas de como frente à falta, podemos encontrar saídas.

Referências:

LACAN, J. O Seminário, livro 4: a relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

Hans: Mitos e fantasias

Nádia Aslan¹

“Nunca se esqueçam, o significante não está aí para representar a significação; antes, está aí para completar as hiências de uma significação que não significa nada. É porque a significação está literalmente perdida, é porque o fio está perdido, como no conto do Pequeno Polegar, que as pedrinhas do significante surgem para preencher esse buraco e esse vazio”
(LACAN, 1995, p. 338)

Acompanhar a análise que Lacan faz do caso Hans, ao longo do Seminário 4, é se deparar com um estudo detalhado acerca das histórias que o pequeno Hans conta ao seu pai e direta e indiretamente a Freud. As histórias são contadas através dos mitos e fantasias, que Lacan parece distinguir de maneira precisa, no decorrer da análise do caso.

Nesta época, 1956/1957, ainda dando prevalência ao simbólico, Lacan fala da neurose como uma linguagem, “...é uma questão formulada pelo sujeito no nível de sua própria existência” (Ibidem, p. 403). É uma questão fechada, estruturada e os sintomas são os elementos vivos desta questão, sendo que o sujeito nada sabe sobre o que se articula. O sintoma, portanto, é uma forma de resposta à esta questão.

Neste sentido, o trabalho analítico se apresenta como a decifração de um texto. Texto este que se organiza com um certo número de estruturas. É neste trabalho de decifração que Lacan vai observar os significantes, significados, transformações e permutações que vão dar testemunho de uma atividade inconsciente. Os significantes, que ele adverte que não se deve compreender de imediato e que também não se deve dar uma significação unívoca, percorrem todo o relato da análise feita por Lacan e vão indicando a direção do trabalho, tal qual as pedrinhas do Pequeno Polegar.

No trabalho de decifração feito por Lacan, uma dúvida me ocorre: qual a diferença existente entre mito e fantasia? Para tentar pensar esta questão, vamos começar pelo mito. O que é um mito? Para que serve?

Lacan vai dizer que o mito apresenta-se como uma narrativa, que comporta algo de atemporal e com “certas constâncias que não estão absolutamente submetidas à invenção subjetiva” (Ibidem, p. 258). Ele diz

¹ Cartelizante no cartel “A relação de objeto Seminário 4”, formado por Ana Aparecida Rocha (Mais-Um), Ana Martha Wilson Maia, Lucas de Petribú e Nádia Aslan.

também que o mito tem um caráter de ficção, que apresenta certa estabilidade comportando uma estrutura que não é maleável às modificações. A ficção tem a ver com a verdade. A verdade “...não pode ser separada do mito” (Ibidem, p. 258). O mito transmite uma verdade.

Seguindo o Seminário, ele vai descrever a função do mito. Ele diz: “...um mito é sempre uma tentativa de articular a solução de um problema. Trata-se de passar de um certo modo de explicação da relação-com-o-mundo do sujeito ou da sociedade em questão para outro modo – sendo esta transformação requerida pela aparição de elementos diferentes, novos, que vêm contradizer a primeira formulação. Eles exigem, de certo modo, uma passagem que é, como tal, impossível, que é um impasse. Isso é o que dá sua estrutura ao mito” (Ibidem, p. 300). É isso que vemos acontecer com o pequeno Hans. Diante da manifestação do pênis real, depreciado pela mãe, ele faz um trabalho para tentar organizar estes novos elementos que abalam a relação dele com ela. Como continuar a satisfazer à mãe com este pênis que, segundo a mãe, é uma *porcaria*? Como integrar a existência deste pênis real neste novo contexto? É para esta questão, para este impasse, que as criações míticas do pequeno Hans vão tentar encontrar uma saída.

E as fantasias, o que dizer sobre elas?

Encontrei no Seminário 5, esta citação sobre fantasia: “Temos aqui, em (\$\diamond a)\$, o correspondente e o suporte do desejo, o ponto em que ele se fixa em seu objeto, o qual, muito longe de ser natural, é sempre constituído por uma certa posição do sujeito em relação ao Outro. É com a ajuda dessa relação fantasística que o homem se encontra e situa seu desejo. Daí a importância das fantasias” (LACAN, 1999, p. 455). Aqui ele ressalta o Outro e o desejo e revela a função da fantasia: sujeito se situar em relação ao seu desejo. Portanto, é de desejo que se trata. Essa pontuação parece marcar uma diferença em relação ao mito, à medida em que o mito trata de algo em que não está implícita uma subjetivação. Nas criações míticas de Hans, não se pode localizar algo da ordem de um desejo mas sim da busca por uma elaboração, por uma reestruturação de algo que é novo.

Lacan fala das mudanças que começaram a operar a partir do dia 05 de abril, quando Hans traz a fantasia onde se vê em cima da carroça brincando e esta começa a se afastar, arrastada pelo cavalo. Ele vai dizer que esta fantasia marca uma transformação de seus temores, assim como a dialetização da função do cavalo, que é um elemento essencial de sua fobia. Porém, um pouco antes disso, tem a fantasia em que Hans se vê burlando regras junto com o pai. São as *transgressões*, que ele quer que o pai faça *junto* com ele. Há aí algo desejado mas também impossível, dada a condição de seu pai. Posso também lembrar da fantasia da girafa, onde algo da ordem de um reconhecimento simbólico se organiza.

É interessante perceber que nas fantasias descritas por Lacan, ele situa algo que de alguma maneira faz uma passagem, algo se conquista ou se pretende conquistar. O desejo está ali localizado e parece marcar uma transformação, o que é também contrário ao mito, em que ele diz que é mais resistente às modificações.

Outro ponto interessante com relação ao mito, que Lacan coloca, é que o impasse está sempre implícito, apesar de todo deslocamento do sistema significante. Me parece que na fantasia algo aponta para um tipo de resolução, de saída.

Enfim, porém, apesar desta distinção que venho trazer aqui, tanto o mito quanto a fantasia se interligam, sendo um recurso para o sujeito na tentativa de circunscrever o real. É neste esforço que vemos o pequeno Hans fazer a passagem que vai do imaginário ao simbólico.

Referências:

BARROS, Maria do Rosário C. R. “Do mito à fantasia: uma questão para a psicanálise com crianças”. Fort-Da, n.3. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

LACAN, J.O Seminário, livro 4: a relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, J. O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

Amor: invenções, laços e desencontros.

Daniel Guedes¹

Iniciarei com as questões: como se ama hoje? Como tem sido as formas contemporâneas de manifestar o amor? Ainda se ama como se amava nos tempos de Freud, quando ele escreveu *Psicologia da vida amorosa*?¹ Quais têm sido as novas formas de laço? Por mais que haja espaço para dizer que as invenções são da ordem do singular, do que cada um encontra como solução, diante do contingente da não relação sexual, é na medida em que se constroem as relações, que é possível ver, sobretudo, quão esburacadas são e, com alguma sorte, conseguir contornar.

O amor tem sido encarado, na contemporaneidade, a partir da ótica capitalista, situando como trabalho, os relacionamentos são pautados na dimensão de investir tempo e esforço, e requer retorno através de um salário. Se colocamos o discurso analítico situado como o único capaz de fazer frente ao discurso capitalista, haveria então a possibilidade de fazer a lógica ser alterada: trabalha-se onde se quer trabalhar, pelo tempo que considerar pertinente e quantas vezes escolher. São pautados a partir dessa subversão os relacionamentos não-monogâmicos, não há a obrigatoriedade de haver “um único trabalho”, mas sim, vários trabalhos, para não seguir a dimensão do trabalhar para sobreviver ou porque é necessário, conforme o capitalismo. Porém consideremos o amor como algo de fato trabalhoso.

Há nesses atos trabalhosos uma tentativa, de algum modo, de fazer com que a relação sexual exista e cada um dos múltiplos relacionamentos suprirá somente uma parte do que se acredita ser a complementaridade. O deslocamento dessa insuficiência perpassa os outros laços estabelecidos. Apesar de tentar uniformizar as relações ou os estabelecimentos de laços, cada um sai com a própria letra, cada forma de elaborar esse trabalhoso investimento no amor será único, com uma marca excepcional, seria então uma forma de se sair do ideal para a invenção singular? Dar espaço ao vazio para a criação?

Por qual razão, com tantas formas de se pensar o amor, ainda se atrela ao casal-par? A prática clínica hoje, já não aponta para outras formas possíveis de inventar um amor? Ainda, começando em si sobre si? É possível pensar no casal sem considerar os sujeitos que compõem esse casal? O que há, em cada sujeito, que autoriza o amor ser inventado?

1 Cartelizante no cartel “O amor em Psicanálise”, formado por Clara Bezerra, Cláudia Formiga (Mais-Um), Daniel Guedes, Julia Ribeiro Fagundes e Sarah Ruth Fernandes.

Hoje, há uma emergência de não querer o outro, um não se aproximar. Se os aplicativos funcionassem, era possível encontrar o parceiro sem equívocos a partir do imperativo de ser perfeito e deixaria o aplicativo, afinal a lógica do aplicativo é um empuxo a tentar sempre de novo se manter longe do amor e da não relação, traço da contemporaneidade.

Retomo que há algo do amor para além do casal, que surge no sujeito e se desencontra no laço. É possível se atrair por coisas que não se sabe de onde surgem, mas encontram lugar no amor. Se supõe que há no outro uma resposta para o modo próprio do sujeito de gozar. Fazer do gozo enredo pode permitir ao sujeito ter um gozo ventilado pela vida, com entusiasmo, encontrar um modo de gozar sem se mortificar, por haver desejo.

A frase do Lacan “só o amor faz o gozo condescender ao desejo”² nos orienta, afinal, não seria o amor um caminho disruptivo? Romper de algum modo a repetição de gozo como sofrimento e elevar o modo de gozo do sujeito, a partir dos desencontros no laço, por via do desejo.

Por que as pessoas escolhem relacionar-se com múltiplas pessoas? O que se apresenta aí? Diante da cultura e dos imperativos, sem furos e com ideais, há algo a questionar diante disso. As cotas libidinais de cada um são distintas, assim, uma relação consegue construir uma parceria que permite a abertura para outras relações, a nível de investimento objetal ou não.

Se não há complementaridade³, nem nunca haverá, não haverá uma possibilidade de relação com uma pessoa que cabe perfeitamente na fantasia. A pessoa sempre vai “fugir do roteiro” que os sujeitos criam. Os desencontros em qualquer relação poderiam indicar o fracasso, mas mostram o que há de mais bonito: se arranjar a partir do desarranjo, com sorte. É essa uma invenção pela qual é chamada o amor: a se fazer novo diante do fracasso.

Se o amor fica no lugar de mais, confunde-se com gozo. Há uma tentativa de localizar o amor num lugar de menos, como oferecer alguma coisa retirando o excesso daquilo. Luc Ferry marca que amor é possibilidade do outro existir enquanto outro⁴. As contingências dos desencontros amorosos marcam o real do amor dessas relações esburacadas e apontam para a tessitura além dos desencontros. Na série *Normal People* assistimos os abismos encarados por dois sujeitos dispostos a investir, no trabalhoso amor, de onde pode surgir algo que faz a vida valer a pena, não somente por haver um investimento ali naquele parceiro, mas por haver um investimento na vida para além.

Recorto aqui uma cena da série *Modern Love* do episódio: *Em uma estrada sinuosa com o capô aberto*⁵, onde o marido e a personagem principal conversam sobre o carro do seu ex-marido, que morreu. Ela se afeiçoou ao carro na medida em que tenta manter vivo o ex-marido, em conversas e diálogos e tenta a todo custo não se livrar do carro, por mais que ele quebre constantemente. Quando decide vendê-lo, fala pro atual marido que o carro a mantinha no passado, que guarda um casaco do ex-marido num saco plástico, para preservar o cheiro e diz que sente como se ele a estivesse abraçando naquele momento e indaga ao atual marido: “Isso é errado? Você vai me deixar por isso?”. Ele brilhantemente coloca: “Pessoas perdem entes queridos, e têm dificuldade em mantê-los vivos. Elas se recuperam rápido, seguem suas vidas e se sentem péssimas. Para outras, é difícil mantê-los mortos. Não as deixam em paz pelo resto da vida. É amor e luto, querida. Não existem regras.”

Aqui interrompo esse trabalho, sem pretensão de concluí-lo ou de fechá-lo nele mesmo, mas aguardo que, de algum modo, se coloque como uma possibilidade de abrir novos horizontes, diante do que assistimos na vida e na clínica, pois são dignos de análise os arranjos possíveis.

Referências:

- 1.FREUD, S.. “Sobre um tipo particular de escolha de objeto nos homens”. In: Amor, sexualidade, feminilidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- 2.LACAN, J. “Kant com Sade”. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 776
- 3.LACAN, J. “Radiofonia”. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 400 - 447.
- 4.FERRY, L. “Como envelhecer sem se tornar um imbecil?”. [Entrevista concedida a] Pergunta Braskem. Nov. 2019. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/leia/exibir/luc-ferry-como-envelhecer-sem-ser-tornar-um-imbecil> Acesso em 3 de setembro de 2022.
- 5.EM uma estrada sinuosa com o capô aberto (Temporada 2, ep. 1). Modern Love [Série]. Direção: John Carney. Produção: Trish Hoffman. Nova Iorque: Amazon Prime Video, 2021, 36 minutos, son., color.

O trabalho que o amor dá

Clara Bezerra¹

A I Jornada de Cartéis me fez o chamado para começar uma elaboração após o início da minha primeira jornada individual participando de um cartel. Pensei que a presença no cartel seria mais simples, que me daria pistas sobre o que eu deveria ler e apresentar ao final. Pensei também que já estivesse minimamente advertida sobre o modo disruptivo da prática psicanalítica e dos tropeços e surpresas trazidos pelo caminhar do inconsciente.

Descobri que não. Que minha expectativa era a de que o estudo teórico fosse dar uma resposta já conhecida por alguém a minha questão de trabalho. Foi caminhando os primeiros passos de um cartel sobre o amor que descobri: eu buscava ali teorias e palavras de reforço para o que construí internamente como ideal: o ideal de alguém que via no significante “trabalho” sinal de respostas e de objetivo final, e não de processo.

Percebi na caminhada que minha questão – “o amor é um trabalho?” – havia sido baseada nesse ideal. O encontro que permitiu a formação do cartel sobre o amor nos levou a começar com a leitura dos textos de Freud selecionados para a edição da editora “Autêntica”, de 2020, de “Amor, sexualidade, feminilidade” (FREUD, 2020).

Percorrer parte das elaborações de Freud sobre a sexualidade humana foi mostrando outro caminho para trilhar junto a minha questão. O que eu visualizava inicialmente como uma construção sobre laços entre pessoas e trabalho como modo de produção social foi se transformando em uma curiosidade pelos processos de constituição dos sujeitos nos seus caminhos de construção e de reconstrução da sexualidade e das relações amorosas.

Foi com a leitura de “O declínio do Complexo de Édipo” (FREUD, 2020, p. 247) que algo provavelmente banal para quem estuda e pratica a psicanálise se apresentou: o amor como o trabalho de atravessamento e travessia do Complexo de Édipo, com todas as marcas e consequências que as nossas primeiras relações parentais e com cuidadores podem nos deixar.

Digo atravessamento quando penso nas marcas deixadas pelos nossos primeiros vínculos – aqui considerando o par parental pai e mãe citados por Freud. E digo travessia evocando o processo necessário à vi-

¹ Cartelizante no cartel “O amor em Psicanálise”, formado por Clara Bezerra, Cláudia Formiga (Mais-Um), Daniel Guedes, Julia Ribeiro Fagundes e Sarah Ruth Fernandes.

vência e ao declínio do Complexo. No texto, Freud discorre sobre o processo vivenciado pela criança, citado por ele como fenômeno central da primeira infância, processo esse que declina, sucumbe ao recalçamento e depois entra em fase de latência. Freud comenta em seguida que não fica claro como o Complexo se desfaz.

Ele fala sobre acontecimentos especiais que podem fazer a menininha se decepcionar com sua figura paterna e o menininho ver a mãe retirar o amor dedicado quase exclusivamente a ele e entregar a outro, o que poderia gerar a sensação de fracasso e impulsionar a travessia do Complexo. Mas fala também sobre a possibilidade de o Complexo simplesmente cair, talvez porque tenha chegado o momento, como uma fase articulada do desenvolvimento humano e “um fenômeno determinado pela hereditariedade e por ela organizado” (FREUD, 2020, p. 248), segundo suas palavras.

O encontro com esse texto causou uma virada na forma com que eu olhava a minha questão. Passei a me perguntar se o amor – tema central do cartel que integro – não seria o próprio trabalho de ligação, separação e religação entre pessoas. Nessa perspectiva, ele se colocaria sempre como um vir a ser – não todo já dado, como algo que de repente aconteceria por si só (remetendo à ideia de Freud de que em algum momento do desenvolvimento sexual o Complexo de Édipo cairia), mas também não todo novo, surgindo como resultado de um trabalho de criação que junta partes já conhecidas (a ideia de hereditariedade também citada por Freud) para inventar novas formas.

Olhando por esse aspecto, o amor estaria próximo da própria teia de cruzamentos entre humanos, como árvores genealógicas em que os galhos vão se cruzando e se expandindo, mantendo algo do que foi e fazendo surgir o novo. Dois sonhos me ajudaram a chegar a essa ideia, ambos levados a minha análise pessoal durante o percurso ainda aberto do cartel. No primeiro deles, minha mãe me ensinava a cortar um galho de uma roseira e levá-lo para ser plantado em outro lugar. No outro sonho, eu disputava com ela a atenção do meu pai, o que me gerou uma rápida associação ao Complexo de Édipo. Ao final do sonho, uma voz me dizia: você continuará sozinha enquanto não fizer o trabalho.

Que trabalho? Foi a pergunta que me fiz e que levei para a minha sessão seguinte de análise. O trabalho de amar, foi o ponto em que consegui chegar naquele dia. Minha analista terminou a sessão com a frase “o trabalho que o amor dá”.

Chego ao final dessa primeira elaboração permitindo que as palavras desse sonho e dessa sessão trabalhem junto comigo. Sigo orientada pela minha questão bússola, não mais agarrada ao ideal do início, que esperava encontrar uma resposta funcional a minha pergunta, mas aberta ao que o percurso for me apresentando e me ajudando a construir: “o amor é uma trabalho?”

Referências:

FREUD, Sigmund. *Amor, sexualidade, feminilidade*. Tradução Maria Rita Solzano Moraes. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

Escritas e estragos de amor

Carolline Rangel¹

Um impossível entre peles

Há no encontro uma hiância. Uma fenda que ao marcar uma impossibilidade, paradoxalmente, é a própria condição do amor, que faz suplência à relação sexual que não existe. Entre as peles, no encontro, se experimentam as texturas deste impossível: alguns irrompem como ásperas colisões, outros ressoam como suaves descompassos. O outro é um quase tocar, sempre a escapar. A cada um, no encontro, restará seu exílio da relação sexual¹. Do impossível e seus tecidos, pode-se dizer que transitam do enigma à exaustão, do desencanto ao improvisado. Da recusa à poesia, do estrago à escrita.

Contingência, um lampejo

Dos fios da contingência se tece um encontro, nascente do acaso, na temporalidade do instante. Neste hiato ou suspensão, um luminoso efeito de miragem, em que a relação sexual parece cessar de não se escrever. Como um breve relâmpago que risca o céu, uma ruptura no saber riscaria os parceiros no momento do encontro: um instante de suspensão, descontinuidade ou descoberta. Algo se produziria e aí se escreveria. Lacan¹ marca a temporalidade do encontro como pertencente à ordem do instante, indicando seu estatuto de ilusão ou miragem, quando a relação sexual parece nesse hiato *parar de não se escrever*.

Naveau² se interroga sobre de que se trataria o que ali se escreve: um traço? Marca? Rastro? Uma carta/ letra de amor? Uma ligação? Lembra que Lacan não o responde, embora marque que “(...) *ai não há outra coisa senão encontro*”.

No campo da literatura, Marguerite Duras³ tece esse instante: “*Você pergunta como o sentimento de amar poderia sobrevir (...) Talvez de uma falha súbita na lógica do universo. (...) Por exemplo de um erro. Jamais de um querer.*” Uma falha súbita ou erro como nomes da contingência: instante de suspensão em que algo parece parar de não se escrever.

Assim se daria condição do encontro, a partir da contingência, no afeto que resulta dessa hiância. Lacan diz de uma inscrição, marcando que algo não somente se articula, via ilusão, mas também se inscreve no destino de cada um. Duras escreve esse instante de amor: “*Ficaram assim, imóveis, o tempo de se conhecerem para sempre*”.

¹ Cartelizante no Cartel “Feminino e Escrita”, composto por Flaviana Pires, Marcela Magalhães, Natália Cassim e Diva Rubim (Mais-Um).

Vestígios de um clarão

A contingência que marca a possibilidade do encontro poderá transitar à necessidade em outro tempo. O amor se ataria à primeira, podendo tornar-se necessidade. É assim que para Lacan, a relação sexual passa do *cessa de não se escrever*, na contingência, ao *não cessa de se escrever*, na necessidade, podendo ali se fixar. É a escrita do amor em seus diferentes tempos, da contingência à necessidade.

O amor poderia se perder, tornar-se opaco, justo quando a contingência se dissolve na necessidade: estaria aí o destino ou o drama do amor. A necessidade, prevalecendo sobre a contingência, a repele. Para Naveau. Perderia-se o fio da conversação: o amor, então, vagueia. O clarão é lembrança vaga na memória. Os vestígios desse instante são escritos por Duras em *Chuva de Verão*: “(...) *aquele ardor no coração, ela o conservaria desde o vestígio da lembrança, ele já estava em seu corpo.*”

Se algo não cessa de se escrever, na necessidade, a cada sujeito caberá se virar com a dissolução da miragem na contingência. Uma hipótese é que se pode haver um *consentimento* com o trânsito da contingência para a necessidade a alguns, enquanto efeitos de estrago podem irromper a outros, na insistência da miragem da contingência.

Estrago: verbo em primeira pessoa

Lacan⁶ afirma que uma mulher seria um sintoma para um homem, enquanto um homem para uma mulher seria uma devastação (em espanhol, *estrago*). A demanda de amor é trabalhada por Miller⁷: diante de um parceiro, ao se infinitizar a demanda de amor, esta retornaria sob a forma da devastação. Trata-se de um ponto de estrutura que tem relação com o ilimitado do próprio gozo.

Entre miragem e deslumbramento

No encontro de amor, a miragem faz parecer que a relação sexual cessa de não se escrever, encarnando assim algum vestígio do amor a iluminar o encontro. Porém, na devastação, o brilho do deslumbramento pode vir a revelar também um opaco, que tem relação com o próprio gozo. Assim, diante da contingência, como responde um sujeito que ofuscado por este brilho do deslumbramento, é tomado pelo opaco do gozo, tornando o parceiro um parceiro-devastação⁷?

Barthes⁸ ilustra os contrastes entre o luminoso e o obscuro do amor: “*Experimento duas noites uma de cada vez, uma boa, outra má. (...) Estou na obscuridade total do meu desejo, não sei o que ele quer, tudo repercute. O desejo continua a vibrar, (a obscuridade é transluminosa). Estou às escuras: eu estou lá, sentado simples e calmamente no negro interior do amor.*”

Miragens do impossível

A hipótese de trabalho é que a devastação se manifestaria no sujeito no circuito da relação sexual que não existe, e frente a esse impossível, o sujeito se paralisaria. Jésus Santiago⁹ se pergunta se na devastação a passagem do amor da contingência ao necessário não se daria, e o sujeito só experimentaria então o amor pelo lado da miragem de que a relação sexual *existe*.

Ao não permitir que o amor flua da contingência que o encarna à necessidade em seu opaco, ele se perderia. A insistência no amor via miragem ou deslumbramento pressionaria a contingência. Assim, o amor não só vagueia, mas pode sofrer um efeito de ruptura, remetendo o sujeito ao abismo da devastação, no ilimitado do próprio gozo. O não consentimento com a passagem da contingência à necessidade poderia, assim, curto-circuitar o amor.

Neste encontro, em que a cada um restará o exílio da relação sexual, o que do amor se escreve? Na devastação, frente ao ilimitado da demanda de amor que retorna ao falasser, pode-se dizer que há apenas estragos do ilimitado do gozo, ou também haveria uma escrita do amor?

Referências:

1. LACAN, J. O Seminário, Livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
2. NAVEAU, P. O que do encontro se escreve. Belo Horizonte: EBP Editora, 2017.
3. DURAS, M. A doença da morte. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, 1984.
4. DURAS, M. Emily L. Nova Fronteira, 2020.
5. DURAS, M. Chuva de Verão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
6. LACAN, J. O Seminário, Livro 23: O sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
7. MILLER, J.-A. O osso de uma análise + o inconsciente e o corpo falante. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
8. BARTHES, R. Fragmentos de um discurso amoroso. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.
9. SANTIAGO, J. Fala apresentada no Seminário de Orientação Lacaniana em 25 de nov. de 2021, pela EBP-MG.

A falta da falta: depressão e narcisismo na contemporaneidade

Gabriel Liberato¹

Com Freud aprendemos que as históricas não sofriam exatamente “de histeria”, mas da repressão social imposta na gestão de condutas do século XIX. Os sintomas histéricos eram a reação a imperativos sociais que estariam condensados em forma de ideais culturais. Se a histeria fez barulho com o corpo na era vitoriana, a depressão desafia a psicopatologia na atualidade. O que a Psicanálise tem a dizer sobre a depressão? Acompanhando a racionalidade freudiana: haveria uma relação entre depressão e as exigências sociais contemporâneas?

Se na época de Freud a lei simbólica promovia a interdição do gozo, nos tempos atuais ocorre o inverso, vigora o discurso “antiproibição”, ou seja, é proibido proibir. Como mestre contemporâneo, o capitalismo neoliberal fabricou um Supereu que não limita, mas que impele o sujeito ao gozo: “goze!”. Não é somente a esfera do consumismo, mas vários axiomas que marcam esse tipo de laço social: os imperativos de gozo, o “carpem diem”, ideais estéticos, o movimento coaching, a obsolescência programada etc. Lacan pensou essa forma de laço a partir do Discurso do Capitalista.

Se no século XIX o limite ao gozo era estabelecido pelo ideal da renúncia e privação, atualmente existe uma busca compulsiva pela satisfação, ou seja, a determinação da vida recheada pela oferta de objetos. A subjetividade em nossa época incorpora o culto ao indivíduo, ou seja, aquele não é dividido. O sujeito contemporâneo não é mais marcado pelo impasse frente a um conflito, mas um sofrimento marcado por sua ausência. Para Ehrenberg (1998, p. 147-148): “(...) a depressão, sociologicamente falando, é um modo de nomear certo número de problemas gerados pela regra da autonomia que prevalece hoje”.

A cultura contemporânea produz a injunção de modos de vida calcados em discursos da positividade do objeto, logo não há espaço para a falta. Por ironia temos uma antinomia: numa sociedade em que nada pode faltar, o que falta é a falta. Essa lógica é inversa ao mecanismo do desejo que é a sua negatividade. O desejo em Lacan não se dá pela presença do objeto, mas pela ausência. Nesse ponto chegamos à sintomatologia depressiva: lassidão, fatalismo, anedonia etc.

¹ Gabriel Liberato – cartelizante no cartel “Narcisismo”, formado por Ailton Siqueira, Diego Menezes, Gabriel Liberato e Liege Uchôa (Mais-Um).

Lacan pensa a depressão como uma posição subjetiva, ou seja, parte da perspectiva da demissão subjetiva para situá-la como “covardia moral”. No texto *Televisão Lacan* (2003) pensar a depressão a partir da culpa moral. O sujeito depressivo é aquele que não quer saber do seu inconsciente, recuando diante do desejo, ou seja, aquele que conseguiu “ceder do seu desejo” (LACAN, 2008).

No caso depressivo o sujeito parece anular radicalmente o investimento em relação aos objetos. O sujeito deprimido não produz sintoma em seu sentido clássico. Seu sofrimento é silencioso e não se endereça ao Outro. Parece haver um retraimento do próprio ato, o que situa o depressivo mais próximo da inibição. Para Freud (1996b) na inibição está em jogo uma ação de renúncia, ou seja, um mecanismo do Eu de evitar possíveis conflitos com o Supereu ou com o Id.

Lacan irá sinalizar essas mudanças a partir do declínio da função social da imago paterna, pois temos na contemporaneidade transformações no âmbito das identificações, portanto, no campo do imaginário. Esse é o nosso ponto de chegada: a depressão sinaliza o sujeito que desistiu de prestar conta dos ideais contemporâneos, à medida que abandonou o trabalho de cuidar da tensão própria a condição desejante. O sujeito deprimido parece não querer se haver com a falta que coloca em movimento o desejo.

Se o narcisismo catalisa os processos identificatórios (FREUD, 1996a), temos na depressão comprometimentos em torno do Ideal do Eu. O Ideal do Eu é a bússola que orienta as demandas a qual o sujeito se orienta na busca da satisfação do seu desejo, ou seja, “Qual é meu desejo? Qual é minha posição na estruturação imaginária? (...) Esse guia que comanda o sujeito é o Ideal do Eu” (LACAN, 1986, p.166).

Aqui retomamos a questão inicial das exigências de nossa época. Se os ideais presentes no discurso do grande Outro contemporâneo regulam o psiquismo sob o prisma da satisfação pulsional sem limites, o sujeito deprimido é aquele que se recusa a essa forma predicativa de vida. A depressão se interpõe ao capitalismo quando esse tipo de laço convida o sujeito a negar a castração pela via dos objetos de consumo: não falta, não perde, não sofre. O Discurso Capitalista parece tentar compensar a castração em forma de mercadoria, isto é, para todo tipo de demanda um objeto em oferta. Nesse ponto o narcisismo ganha seu relevo para pensar as depressões na contemporaneidade: o que o sujeito consegue fazer quando não alcança seu ideal?

A sociedade que desbancou um mundo ordenado em torno da autoridade paterna não ofereceu outras saídas além da responsabilização do sujeito por si próprio. As exigências contemporâneas demandam uma vida repleta de prazer e felicidade, a contrapartida depressiva é a desistência. O sujeito deprimido é aquele que “traí sua própria via” (LACAN, 1988, p. 384). Se por um lado você deve ser feliz, só quem vai poder bancar isso é você. Ou seja, o mesmo Supereu que manda gozar é o que cobra a conta no final, para o bem e para o mal.

Referências

- Ehrenberg, Alain. *La fatigue d'être soi. Dépression et société*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1998. _____. “**Depressão, doença da autonomia?**” *Revista Ágora*, jan/jun 2004.
- Freud, Sigmund. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. In: **Edição Standard. Brasileira das Obras Completas de S. Freud, vol. XIV**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. (Trabalho original publicado em 1914).

_____. Inibições, sintomas e angústia. In: **Edição Standard. Brasileira das Obras Completas de S. Freud, vol. XVII.** Rio de Janeiro: Imago, 1996b. (Trabalho original publicado em 1926).

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 7: Ética da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. Televisão. In _____. **Outros escritos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **O seminário: livro 1: os escritos técnicos de Freud.** Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1986.

Pontuações sobre a Metáfora e Metonímia de Freud a Lacan

José Ronaldo de Paulo¹

“Tomemos uma fórmula sobre a qual vocês não me contestarão que ela seja

inegavelmente uma metáfora. Vocês verão se é o sentido que a sustenta.

O amor é um calhau rindo no sol”

(O Seminário 3: As Psicoses, p.257)

Em *Die Traumdeutung (1900)* (A Interpretação de um Sonho) Freud irá utilizar dois textos “O trabalho de Condensação” e o “Trabalho de Deslocamento”, onde mais tarde poderíamos valer como metáfora e metonímia. A condensação, ocorre pela via da omissão, em caso nos quais os sonhos não seria uma fiel tradução ou projeção ponto por ponto dos pensamentos oníricos, mas uma representação bastante incompleta e lacunar deste. No deslocamento, destaca o mecanismo de formação do sonho, existindo uma transferência e desencaixe das intensidades psíquicas dos elementos, onde caracteriza a diferença textual entre conteúdo do sonho e pensamentos oníricos. Para Freud, o deslocamento e a condensação do sonho são os dois mestres artesãos e cuja atividade podemos atribuir essencialmente à forma do sonho.

Uso nos sonhos

Em referência ao trabalho do uso da metáfora e metonímia nos sonhos, Lacan irá trabalhar este tema em discordância com Lyotard pelo conceito de condensação e deslocamento em Freud.

Lacan discorre em *Radiophonia*, a condensação como produto da metáfora através do recalçamento, em se tratando de Freud. Este processo de condensação pode ser definido como um fenômeno físico onde os objetos, ocupando um mesmo espaço, seriam comprimidos para se alojarem em um menor volume. Lyotard, havia feito um trabalho sob o título “O trabalho do sonho não pensa” refletindo de maneira discreta o trabalho de Lacan sobre os dois mecanismos do sonho, de um lado, ele evidencia como primordiais (condensação e deslocamento) e de outro, mecanismos operando no discurso (metáfora e metonímia). Miller em *Matemas I*,

¹ Cartelizante no cartel “Savoir y Faire”, formado por Eliana Bentes Castro (Mais-Um), Maya Rodrigues, José Ronaldo, Ligia Amorim, Guilherme Lima e Ana Carolina.

comenta não existir diferenças, exceto na substância onírica onde existe uma condição suplementar implicada no significante (circunstância imaginária).

Lacan reconduz as coisas em seu lugar no ensino de Freud, explicando que a inserção do imaginário na formação dos sonhos diz respeito apenas à elaboração secundária, ou seja, o registro do imaginário aparece por tamponar a figura do Real. O imaginário oculta o funcionamento dos significantes.

Metáfora e Metonímia - do amor ao objeto

No Seminário IV, Lacan menciona a metáfora como um suporte no qual o amor se transfere ao desejo se apegando ao objeto como ilusório. Em sua constituição o objeto não é metafórico e sim metonímico. Toma a metonímia como um ponto na cadeia da história (deslizamentos), conduzindo a um lugar no qual os significantes serão rompidos.

Metonímia em zero grau e rejeição da metáfora

Lacan evoca no seu texto “A Instância da Letra” o que seria virar a metonímia contra si mesma concedendo um status grosseiro aos enunciados tautológicos. Citando os exemplos: guerra é guerra, um centavo é um centavo. Esta e outras afirmações ao entrarem em comparação com a metonímia, indicariam uma rejeição à metáfora.

A metáfora criaria, ao contrário, a substituição do significante guerra para dar um sentido por outro significante. Dizer “guerra é guerra” é como o grau zero de metonímia ao se recusar à metáfora, uma espécie zero de significações opondo ao grau aleph, conforme nos diz Miller no livro *La Fuga del Sentido* (2012). Miller, lembra que temos aí um clarão de sentido verdadeiramente ilimitado, explicando a sentença “um centavo é um centavo” aparecer como um grau zero de interpretação.

Metonímia e nostalgia

É possível pensar na relação da metonímia e nostalgia. Por qual maneira a metonímia se adapta à nostalgia? A metonímia sempre evoca a falta-a-ser. Através disso, o ser está sempre já perdido na metonímia. A metonímia geralmente permanece a serviço do desejo de outra coisa. Lacan apresentara no texto “De uma questão preliminar a qualquer tratamento possível da psicose”, a nostalgia ligando o sujeito ao objeto perdido através do qual se exerce todo o esforço da busca, marcando a redescoberta do signo de uma repetição impossível, precisamente, este não é o mesmo objeto, não poderia sê-lo.

Referências:

- FREUD, S. “A interpretação dos sonhos”. In: Obras Completas, v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LACAN, J. “A dialética da frustração”. In: O Seminário Livro 4, A relação de objeto, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- LACAN, J. “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. “Radiofonia”. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.
- LACAN, J. O seminário, livro 3: as psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- MILLER, Jacques-Alain. La fuga del sentido. Paidós: Buenos Aires, 2012.
- MILLER, J-A; LAIA, S. Matemas I. Zahar, 1996.

O despertar de um dia morto – Notas sobre o suicídio na adolescência

Ubiratan Pereira de Oliveira¹

Pretendo neste texto fazer comentários em torno de duas obras – uma peça de teatro e um romance - que dialogam com o suicídio na adolescência, a partir de épocas diferentes, que marcam intensas transformações sociais e culturais, mas que também trazem similaridades diante das inadequações corporais, dos desencontros com o sexo, e do encontro, muitas vezes definitivo, com a morte.

A peça de teatro *O despertar da primavera* (1891) de Frank Wedekind, retrata e evidencia os costumes tradicionais da sociedade alemã que marcam de forma trágica o percurso dos adolescentes que protagonizam a história. Ao se confrontar com o desafio de “assumir a responsabilidade por ter nascido” (WEDEKIND, 1891, p. 13), Moritz se questiona sobre “um tipo de desejo”, uma “excitação insuportável” que toma conta de si. Evoca o saber da sua época, que não responde pela sua existência, nem muito menos pela erótica que contorna sua sexualidade. Questiona de forma enfática: “Pra que serve uma enciclopédia que responde tudo, menos a pergunta mais importante sobre a vida?” (Ibidem, p.15).

No *Prefácio a O despertar da Primavera*, Lacan vai comentar deste enigma que é sempre mal sucedido, para todos. Frente ao desencontro com o sexo, Moritz se coloca no lugar de exceção. O desenrolar da peça mostra a impossibilidade do personagem se colocar como Um-entre-outros e Lacan afirma: “É só ali que ele se conta: não por acaso, dentre os mortos, como excluídos do real” (LACAN, 2003, p. 558-559).

Retratando também a ambivalência, o (des)encontro com o sexo e o encontro definitivo com a morte, o romance *Hoje está um dia morto* (2006), de André de Leones revela o cotidiano de um casal de adolescentes e sua inserção no laço social em uma cidade interiorana. Tentando viver e morrer nos longos dias de uma cidade pacata, vazia, repetitiva e sem cor, Jean e Fabiana mantêm uma relação que evidencia o desencontro com o sexo e o vazio que se apresentam em todos os momentos, “[...] onde todos temos *porque*, onde todos somos explicados, precedidos, procedidos” (LEONES, 2006, p. 80). Em uma temporalidade diferente, a questão nos remete a evocação do saber enciclopédico de Moritz, hoje diluído,

¹ Cartelizante no cartel “Suicídio e Psicanálise”, formado por Susane Vasconcelos Zanotti (Mais-Um), Carla Pereira, Clara Jerônimo e Karoline Acácio.

disperso, fragmentado e mesmo explicado, precedido e procedido, não responde ao “que não tem governo, nem nunca terá”².

O protagonista não consegue sustentar um modo de vida que o coloque em uma direção diferente do empuxo à morte, à apatia. Jean afirma que os “[...] dias longos são dias úteis porque neles morremos muitas vezes, e este é um dia morto, não, melhor dizendo, hoje está um dia morto” (Ibidem, p. 155). Resta aos adolescentes se lançarem no mundo onde cada um é o seu próprio Deus. E sendo seu próprio Deus, Jean comete suicídio. Entretanto, os longos dias nos quais se morre várias vezes persistem e se repetem na vida de Fabiana, que descobre carregar no ventre um filho de Jean.

Do reino dos mortos, Moritz faz um convite a Melchior, afirmando que lá “a gente pode o que quiser. Dá a mão. A gente pode sentir pena dos jovens, quando eles confundem angústia com idealismo” (WEDEKIND, 1891, p. 56). Entra em cena então o homem mascarado, colocando Melchior em uma encruzilhada, ao ofertar outros horizontes e possibilidades, mas sem muita garantia para o mundo dos vivos, apenas “a dúvida angustiante em relação a tudo” (Ibidem p. 60). Remetendo a Lacan, “em meio aos Nomes-do-Pai existe o do Homem mascarado” (LACAN, 2003, p. 559).

Para Jean e Fabiana, que no romance também se suicida anos depois, grávida de 6 meses e após matar o filho que teve com Jean, ao invés da dúvida, ganhou protagonismo a certeza que a passagem ao ato suicida impõe ao sujeito. Como afirmou Lacan, “o suicídio é o único ato capaz de ter êxito sem qualquer falha. Se ninguém sabe disso, é por partir da prevenção de nada saber” (LACAN, 2003, p. 541).

Antes do suicídio, Jean parece “permanecer lacrado dentro de si, na impossibilidade experimentada dia após dia que é viver e morrer, e morto seguir vivendo” (LEONES, 2007, p. 79-80). Permanecer lacrado dentro de si, no caso de Jean, possibilitou a construção da sua certeza, do seu encontro com a morte. Mais que isso, fez com que ele morto, seguisse vivendo no ventre de Fabiana, como “um respingo nada sutil do lado mais negro dele, que tratou de dar o fora primeiro – o bilhete de suicida perfeito” (Ibidem, p. 153).

O Homem mascarado, que faz ressonância em Melchior, como forma de semblante, propicia um adiamento ou uma suspensão diante da “sinfonia angustiante” que dilacera o protagonista quando o mesmo anda sob os túmulos com uma certa inveja dos mortos. No personagem Jean, o tempo de compreender parece ter elidido e o fato deste precisar morrer várias vezes para dar sentido à vida e permanecer lacrado, impossibilitou que o mesmo continuasse seu percurso no palco da vida.

O aumento dos indicadores de suicídio na adolescência aparece de forma sintomática, diante do imperativo dos excessos e da crise de referenciais da cultura contemporânea e faz com que várias trajetórias sejam interrompidas de maneira precoce. A possibilidade de uma aposta da psicanálise, frente ao adolescente que pode se “deixar cair” em um ato suicida é dada por Lacan (2005), quando faz analogia ao caso da jovem homossexual, afirmando que cabe ao analista “segurar pela mão para não deixá-los cair”. Por mais tênue, inventiva e sutil, a perspectiva clínica mostra em sua radicalidade a singularidade desta escuta e a possibilidade de outro despertar...

2 Referência à composição “O que será (A flor da terra)” de Chico Buarque.

Referências:

LACAN, J. O seminário, livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, J. “Prefácio a O despertar da primavera”. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. “Televisão”. Outros escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

LEONES. A. Hoje está um dia morto. Rio de Janeiro: Record, 2006.

WEDEKIND, F. O. O despertar da primavera: uma tragédia da juventude. Tradução de Sheila Ewert, (1891).